

A Cultura de Paz na Escola: Projeto Educativo com Adolescentes em Juazeiro do Norte-CE

The Culture of Peace at School: an Educational Project with Adolescents in Juazeiro do Norte-CE

Vitória Régia Alencar de Castro^a; Giovanna da Silva^b; Cristina Zukowsky-Tavares^{*a}

^aCentro Universitário UNASP, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde. SP, Brasil.

^bAmherst College, Bachelor of Arts. MA, Estados Unidos.

*E-mail: cristina.tavares@acad.unasp.edu.br

Resumo

A escola é um ambiente que favorece a vinculação e a elaboração de ações de promoção à saúde direcionadas aos adolescentes, por meio de recursos educativos variados. Embora haja vários programas voltados à saúde na escola, ainda não são suficientes para superar a vulnerabilidade social de adolescentes - como os de Juazeiro do Norte, Ceará. Como solução, são necessárias ações promotoras de saúde e mediadoras de conflito, no ambiente escolar, que previnam a violência e promovam a saúde. O objetivo geral da investigação foi analisar a percepção de docentes e estudantes inseridos em um projeto para promoção da cultura paz na escola. A pesquisa de abordagem qualitativa levantou opiniões dos participantes pelo método da História Oral, os quais estiveram envolvidos no Projeto Mediação de Conflitos na Escola durante dezoito meses com a pesquisadora. Os dados finais da pesquisa indicam que ações educativas em saúde se apresentam como uma estratégia de grande relevância no contexto escolar, por serem capazes de promover bem-estar e minimizar conflitos. Na visão dos entrevistados, por meio dessas ações, houve mudanças significativas nas relações interpessoais dos adolescentes, tanto no ambiente escolar quanto em suas relações familiares, as quais impactaram positivamente no processo de ensino-aprendizagem e no manejo dos conflitos. Esse cenário também propiciou relações mais empáticas, multiplicadoras de uma cultura de paz e proporcionou ações em saúde na escola.

Palavras-chave: Promoção da Saúde. Mediação de Conflitos. Ações Educativas na Escola. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Abstract

School is an environment that favors bonding and the development of health promotion actions aimed at adolescents through a variety of educational resources. Although there are several programs aimed at school health, they are still not enough to overcome the adolescents' social vulnerability, such as those in Juazeiro do Norte, Ceará. As a solution, health-promoting and conflict-mediation actions are needed in the school environment, helping to prevent violence and promote health. The general objective of the investigation was to analyze the teachers' and students' perception involved in a project to promote a culture of peace at school. The qualitative approach research raised the participants' opinions using the Oral History method, all of those who were involved in the Conflict Mediation Project at school for eighteen months with the researcher. The research final data indicate that educational actions in health is a strategy of great relevance in the school context, as it is capable of promoting well-being and minimizing conflicts. In the interviewees' view, through these actions, there were significant changes in the adolescents' interpersonal relationships - both in the school environment and in their family relationships -, which positively impacted the teaching-learning process and the conflicts management. This scenario also provided more empathic relationships, multipliers of a culture of peace and good deeds in health at school.

Keywords: Health Promotion. Conflict Mediation. Educational Actions at School, Sustainable Development Goals.

1 Introdução

Enfrentar os conflitos de forma positiva e propositiva, no ambiente escolar, exige organização e planejamento de ações direcionadas ao bem comum. Essas ações – como a aquisição de boas práticas, a implantação e a multiplicação de uma cultura de paz – devem ser capazes de estimular um processo de conscientização comunitária que fortaleça o papel social da escola.

Dessa forma, cultivar um espaço escolar acolhedor, respeitoso e empático é construir um caminho dialógico e humanizado, direcionado para o combate à violência e promoção de saúde e bem-estar de sua comunidade. Vale ressaltar que, na visão de Andrade et al. (2014), a prevenção da violência é um estímulo à cultura de paz e é um dos oito

objetivos da Política Nacional de Promoção de Saúde (Brasil, 2014), sendo de grande relevância para o desenvolvimento biopsicossocial dos adolescentes dentro de sua comunidade.

Com a Conferência da ONU (2012), foram definidos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS, que propunham ações para erradicação da pobreza, proteção do planeta e melhores condições de vida a todas as pessoas. Dentre os 17 ODS, destaca-se o que assegura uma educação de qualidade com direitos iguais, para promover a inclusão e as oportunidades de acesso, integração e plena formação aos escolares e indivíduos da comunidade.

Na visão de Martins et al. (2016), no âmbito escolar, situações de conflito que geram violência são influenciadas por causas externas e internas, entre essas as situações de

famílias expostas à violência nas periferias; pressão dos grupos de referência (amigos e/ou outros indivíduos influentes na comunidade); preconceitos étnico-raciais e religiosos; bem como práticas de bullying e cyberbullying.

Vale ressaltar que a ambiência educacional precisa ser estruturada de forma a mediar situações conflituosas que possam sutilmente reproduzir a violência escolar, esta que muitas vezes é generalizada para outros contextos em que vivem os adolescentes e de que também são vítimas. A violência se expressa de múltiplas formas, exigindo estratégias específicas e diferenciadas para se combater os seus diversos tipos aos quais crianças e adolescentes infelizmente estão expostos (Brasil, 2016).

A adolescência é um período marcado por várias transições físicas, psíquicas e sociais, as quais os indivíduos nem sempre se sentem preparados para atravessar. Quando esses possuem uma base familiar se torna mais fácil se equilibrar diante dessas transições e percorrê-las adequadamente, mas essa não é a realidade de muitos adolescentes que, na ausência de suporte familiar, enfrentam os conflitos de forma disfuncional. Assim, eles se tornam ainda mais vulneráveis, expostos a comportamentos de riscos e a possíveis adoecimentos psicológicos, o que compromete o seu bem-estar biopsicossocial.

Para se construir uma cultura de paz, no contexto escolar, são necessárias estratégias educacionais capazes de envolver os adolescentes juntamente com toda a comunidade escolar, com a finalidade de desenvolver ações voltadas aos princípios de liberdade, igualdade, tolerância, respeito às diferenças e solidariedade. Quando o adolescente tem a oportunidade de desenvolver as suas potencialidades individuais e habilidades sociais, ele se torna capaz de desempenhar um papel de protagonismo na promoção de uma cultura de paz (Brasil, 2010).

Como forma de intervir, no contexto de uma escola pública no Nordeste brasileiro, foram realizadas rodas de conversa com a comunidade escolar para discussão e elaboração do Projeto de Mediação de Conflitos na Escola. Por meio do levantamento de temáticas baseadas nas necessidades do corpo estudantil e dos conflitos que emergiram durante as rodas de conversas, o projeto objetivou construir uma proposta de promoção em saúde no contexto escolar.

Empreender, após a aplicação do projeto, uma avaliação e análise de seus resultados permitiu levantar questionamentos que oferecessem diretriz ao desenvolvimento do projeto, como: qual a percepção de docentes e estudantes sobre as ações educativas na escola em contexto de violência e vulnerabilidade social? As ações desenvolvidas no âmbito do projeto contribuíram para a conscientização dos discentes e da comunidade escolar? Que tipo de contribuições ocorreram? O objetivo de promover saúde e implantar uma cultura de paz também foi contemplado? Ocorreu alguma mudança de vida com os adolescentes tanto no ambiente escolar quanto em sua

comunidade? Como foram percebidas pelo corpo docente?

A investigação descrita teve como escopo analisar a percepção de professores e adolescentes sobre as ações de um processo educativo para promoção de saúde na escola – com destaque para a disseminação de uma cultura de paz.

2 Material e Métodos

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo procedimento metodológico para coleta de dados foi a História Oral. As entrevistas gravadas permitiram acessar e registrar as vivências e impressões dos entrevistados, os quais se dispuseram a rememorá-las. Essa metodologia exigiu um conjunto de procedimentos - entre esses, a entrevista - para que se construísse um conhecimento mais amplo acerca do objeto de estudo.

A revisão na literatura ocorreu por meio de buscas em teses e dissertações da base de dados Capes e nas plataformas da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed e Google Acadêmico a partir dos termos “adolescentes”, “escola”, “mediação de conflitos” e “cultura de paz”.

Participaram sete adolescentes e quatro professoras, fazendo o uso de entrevistas gravadas que permitiram acessar e registrar as vivências e impressões dos entrevistados que se dispuseram a rememorá-las por meio de uma entrevista em suas residências.

A História Oral se configura como metodologia de pesquisa, utilizada em diferentes grupos sociais que se disponham a compartilhar suas vivências e impressões conforme as tenham experienciado, sendo de grande relevância para ampliação e construção do conhecimento:

O ponto de partida da história das entrevistas da história oral implica aceitar que os procedimentos são feitos no presente, com gravações, e envolvem expressões orais emitidas com intenção de articular ideias orientadas a registrar ou explicar aspecto de interesses planejados em projetos (Meihy et al., 2015, p.13).

Em cada entrevista, os objetivos da pesquisa eram explicitados. Após a leitura e concordância dos Termos de Consentimento pelos participantes, o portfólio impresso foi apresentado a todos para rememorar as ações do projeto Mediação de Conflitos na Escola, desenvolvidas na Escola Pública de Juazeiro do Norte - Ceará, de 2018 até o início de 2020.

Durante a realização das entrevistas foram utilizados dois protocolos semiestruturados: um direcionado para os adolescentes e outro para os docentes. O tempo de duração de cada entrevista envolveu em média de 40 a 50 minutos.

Os dados obtidos nas entrevistas foram organizados e submetidos à análise qualitativa por meio do método de análise de conteúdo temático (Bardin, 2016). Após as leituras e releituras das transcrições, foram organizados núcleos de sentido e unidades menores para classificação e categorização

das análises.

Em consonância aos preceitos éticos relativos às pesquisas com seres humanos, estabelecidos pela Resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), que norteiam todos os direitos e deveres dos pesquisadores e dos participantes envolvidos em uma pesquisa, esta investigação foi encaminhada aos Comitês de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Adventista de São Paulo com número do CAAE 48191021.7.0000.5377 e número do protocolo de aprovação 5.026.901. Aos docentes, adolescentes e aos pais/responsáveis que concordaram em participar da pesquisa foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após a autorização das famílias, os adolescentes que concordaram participar preencheram o Termo de Assentimento. A pesquisa seguiu as normas do CNS – Conselho Nacional de Saúde-resolução nº 510/2016 no que concerne à confiabilidade dos dados, sigilo de informações, garantia de anonimato e uso dos dados apenas para fins científicos.

3 Resultados e Discussão

Entre as cidades de Crato e Juazeiro do Norte–Ceará, a escola pesquisada se encontra nos limites da zona urbana e rural. Atende 435 alunos da comunidade nos períodos da manhã e tarde e conta com uma equipe de 45 colaboradores. Participaram da pesquisa dois grupos por meio de entrevistas individuais. Um formado por sete adolescentes entre 16 e 17 anos - dois deles do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Todos eram solteiros, católicos, não trabalhavam, cursando o 3º ano do Ensino Médio em outras escolas da mesma cidade. O segundo grupo pesquisado foi constituído por seis docentes, com idades entre 30 e 46 anos, todas do sexo feminino e casadas.

Os dados obtidos nas entrevistas foram organizados e submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2016) na modalidade temática (Franco, 2018). Efetuadas as entrevistas, foram realizadas várias leituras do material coletado e foram elencadas 59 unidades de contexto e 74 unidades de registro.

Em conformidade com o objetivo do estudo, quatro temas foram analisados e denominados de núcleos direcionadores, sendo esses:

- 1) Acolhimento e empatia: reflexos nas relações interpessoais dos adolescentes na escola;
- 2) Os efeitos do pertencimento para o ambiente escolar;
- 3) Promoção à saúde do adolescente;
- 4) Suporte aos adolescentes no relacionamento familiar.

3.1 Acolhimento e empatia: reflexos nas relações interpessoais dos adolescentes na escola

Com relação ao núcleo direcionador acolhimento e empatia: reflexos nas relações interpessoais dos adolescentes na escola, foram identificadas 8 unidades de contexto e 9 unidades de registros. Ao entrevistar os docentes, eles acreditam que fazer parte de uma escola acolhedora significa para o adolescente estar em um ambiente preocupado não só com o processo de aprendizagem. Com isso, o estudante se torna capaz de

refletir sobre a sua construção como ser no mundo e suas relações interpessoais, dando-lhe a oportunidade de percorrer caminhos mais assertivos para alcançar seus objetivos apesar dos desafios que a vida estudantil apresenta.

Por meio dos depoimentos dos docentes a seguir, pode-se confirmar a relevância das ações educativas desenvolvidas durante o projeto na escola:

D2-32: Com o início do projeto, o apoio para os alunos foi notável, eles melhoraram na concentração e participação em sala de aula, no acolhimento e união aos colegas.

D3-40: Sim, houve muitas contribuições do projeto. À medida que foi se desenvolvendo, comecei a perceber os alunos mais empáticos e respeitosos com colegas, professores e funcionários na escola.

D4-41: Com o projeto, houve uma melhoria nas relações interpessoais dos adolescentes. Com mais respeito aos colegas e professores.

Nas falas dos entrevistados, percebe-se uma significativa contribuição das ações desenvolvidas na escola, tanto voltadas para questões pedagógicas como para suas relações interpessoais. Essas contribuições implicaram uma maior participação dos adolescentes, em sala de aula, bem como maior respeito em suas relações interpessoais, especialmente, com os pares e professores. Em relação aos docentes, estes desenvolveram o comportamento empático, despertando maior interesse em ouvir os adolescentes, suas histórias e perspectivas de futuro. Além disso, ocorreu o fortalecimento dos vínculos, o que influenciou positivamente na aprendizagem no ambiente escolar.

O processo de aprendizagem envolve a aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes por intermédio do estudo, do ensino ou da experiência; e de uma construção gradativa, singular, que se adequa à cada estágio do desenvolvimento (Tabile; Jacometo, 2017). Compreende-se que essa experiência autêntica conduz à formação de um ser total, que vai além da condição de aprendiz, objetivando a formação de cidadãos conscientes do seu papel social.

Na relação entre docentes e adolescentes também houve o fortalecimento de vínculos, maior empatia e afetividade, facilitando a prática docente e o processo de ensino-aprendizagem, conforme o relato dos docentes:

D1-30: Com o acompanhamento do projeto, as aulas se tornaram mais tranquilas com o apoio em momentos difíceis em sala.

D3-40:[...] durante o estudo dos textos, muitas vivências dos alunos eram relatadas e me fizeram refletir com maior atenção às suas falas, posturas e ações do cotidiano.

D5-46: Com o projeto trabalhei minha afetividade, minha capacidade de amar, de ouvir.

D6-35: Aprendi através do projeto que conversar com o aluno, buscando compreender suas dificuldades, pode melhorar seu desempenho escolar e seus laços de amizade dentro da escola.

A aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais (Tabile; Jacometo, 2017). Nos

discursos dos docentes se nota um despertar para os demais aspectos que compõem a aprendizagem, percebendo os adolescentes como seres vulneráveis, em que suas fragilidades, muitas vezes, emergem em forma de conflito em sala de aula. Nesse sentido, a escola se torna um ambiente propício para identificá-los e o docente um mediador para auxiliá-los na resolução desses problemas por meio do diálogo, empatia e respeito.

Na visão de Martins et al. (2022), embora a aprendizagem seja um processo individual, essa acontece no contexto sociocultural no qual o indivíduo está inserido, articulando os aspectos cognitivos e as experiências afetivas do aprendiz. Por isso, é importante perceber o adolescente em interação com os seus pares e suas vivências nos mais diversos papéis sociais.

Com relação aos conflitos familiares que refletiram no ambiente escolar e na rotina do adolescente na escola e em sua aprendizagem:

D4-41: Uma aluna estava vivendo um conflito familiar e por esse motivo se ausentava muito da escola. Por muitas vezes estava na escola e chorava bastante. Com o projeto essa aluna teve melhoras significativas, voltou-se para os estudos, ficou bem mais participativa.

Em seus estudos, Martins et al. (2022) consideram que o desenvolvimento físico, psíquico e social da criança depende, em grande parte, do seu relacionamento com os adultos em geral, especialmente dos familiares, por serem a presença mais constante em sua vida, ainda acerca da participação familiar na vida escolar dos adolescentes, destaca-se:

D1-30: A continuidade de um olhar mais cuidadoso, para com os alunos e família, sem dúvidas, fez toda diferença. A família participou mais das vivências dos alunos na escola e os fizeram sentir-se importantes, influenciando em sua trajetória.

Martins et al. (2022) ressaltam, ainda, que a família é o primeiro suporte para a educação, pois satisfaz as necessidades básicas para sua sobrevivência, sendo também a responsável pelo desenvolvimento das qualidades instrumentais, como percepção, motricidade e linguagem.

3.2 Os efeitos do pertencimento para o ambiente escolar

Em relação ao núcleo direcionador sobre os efeitos do pertencimento para o ambiente escolar, foram identificadas seis unidades de contexto e seis unidades de registro.

Percebeu-se, a partir dos discursos dos docentes, que os adolescentes começaram a se sentir parte do ambiente escolar, mais atuantes nas problemáticas da escola, respeitosos, empáticos e inclusivos. Tais mudanças refletiram positivamente em suas relações interpessoais e nos desafios enfrentados no cotidiano escolar, a destacar:

D1-30: Participar de forma mais ativa na escola, foi o grande diferencial que pude ver nos alunos, durante o projeto. [...] O projeto pôde realizar esse grande feito, trazer o aluno para mais perto da escola.

D3-40: Em uma das salas que eu lecionava tínhamos um aluno cadeirante. Após as rodas de conversas sobre o respeito às diferenças, percebi que o comportamento dos alunos mudou significativamente em relação ao colega. Passaram a ser mais pacientes com ele, integravam-no espontaneamente nas equipes de trabalho e valorizavam sua participação durante a realização do trabalho. Foi muito gratificante ver essa mudança de pensamento e de postura dos alunos.

D6-35: Com o projeto, os alunos tornaram-se mais empáticos e solidários, passaram a respeitar e entender uns aos outros. Diante das dificuldades percebidas pela turma com determinado colega, todos se prontificavam a ajudar.

Na visão de Silva (2018), o sentido de pertencimento escolar é aquele que privilegia além do conteúdo curricular, ou seja, a emoção e a afetividade de toda a comunidade escolar envolvida. Significa partilhar características, vivências e experiências com outros membros das comunidades, desenvolvendo o sentimento de pertença. Em outras palavras, pertencer, na visão dos autores, é vincular-se, é fortalecer laços por meio de valores e referências comuns norteadores da conduta dos indivíduos e despertar-lhes o senso comunitário. Compreende-se o ambiente escolar como um espaço de construção e transformação social, capaz de ampliar horizontes e a visão de mundo. Este também deve ser um espaço repleto de afetividade, boas memórias, especialmente quando se sente parte e se vive essa fase de forma saudável (Bruniera et al., 2018; Silva, 2018).

Ocorreram também mudanças significativas no comportamento dos docentes, que refletiram em sua prática:

D2-32: Cresci e amadureci como professora e como pessoa. Pude desenvolver habilidades que eu desconhecia e isso foi um diferencial para mim e para os alunos, pois crescemos juntos.

Sousa e Miguel (2020) compartilham a visão do professor como um ser dinâmico, um ser social, dentro do seu mundo de relações sociais, vivenciando sua realidade e cumprindo socialmente o seu trabalho. O docente se alinha às funções sociais da escola, as quais visam estimular o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos adolescentes, capacitando-lhes para serem cidadãos participativos em sociedade ao considerar o conhecimento histórico e social que carregam. Contrapondo-se à visão de Sousa e Miguel, no entanto, o professor pode também se desmotivar diante do desinteresse e da distração dos alunos em sala de aula, sendo necessário um grande esforço para convencê-los da importância e da utilidade dos conteúdos que lhes são propostos. Além disso, há obrigações e preocupações para o cumprimento do seu currículo obrigatório sobrecarregado de conteúdos (Gomes, 2020).

As falas dos entrevistados permitiram também apreender o valor de ações voltadas para o respeito às diferenças:

D4-41: O projeto nos trouxe a importância de vermos as diferenças como algo essencial, as quais devemos respeitar e extrair do outro o que ele tem de melhor.

Prette et al. (2012), em seus estudos, afirmam que, para se

promover o desenvolvimento de valores morais na infância, como o de tolerância às diferenças, deve haver atividades educativas com esse escopo, principalmente, no ambiente escolar. Destacam que a escola, por ser diversa, é um contexto propício para o estabelecimento de demandas e criação de condições na promoção de valores de pacifismo, os quais irão nortear comportamentos sociais cotidianos.

Cardoso Munduruku e Coelho Cardoso (2021) chamam atenção para os inúmeros atos preconceituosos em relação à raça e ao gênero, tanto no meio escolar quanto na sociedade de modo geral. São problemáticas que precisam ser trabalhadas com mais frequência, pois não basta só aceitar e tolerar a diferença, é preciso conhecê-la através dos processos educacionais.

Ressaltou-se, ainda, a importância de um acompanhamento permanente dos adolescentes como forma de melhor orientá-los:

D4-41: O projeto deveria ser permanente durante todo o ano e serem trabalhados os temas mais polêmicos para os adolescentes.

Silva (2017) afirma que o ser humano, ao longo de sua história, é influenciado e influencia o seu meio, cria laços familiares, profissionais e amistáveis, encontra sua identidade e busca distinguir o que é certo ou errado. Porém, para suas escolhas, é necessário o apoio familiar. Sendo assim, percebe-se o ambiente escolar como uma extensão desse ambiente familiar que, além da função pedagógica, tem funções de acolher, orientar e direcionar o adolescente para que possa fazer suas escolhas e buscar seu espaço no mundo.

3.3 Promoção à saúde do adolescente

Com relação ao núcleo direcionador promoção à saúde do adolescente, foram identificadas 18 unidades de contexto e 18 unidades de registro. Na percepção dos adolescentes, as ações desenvolvidas na escola durante o projeto foram de grande relevância para os processos de autoconhecimento, desenvolvimento, melhor convivência entre os pares e resolução de alguns conflitos existentes, conforme as falas de alguns entrevistados:

A2-16: Ver que muitas pessoas evoluíram [...] teve muito aprendizado [...] muita gente conseguiu melhorar depois do projeto.

A4-16: A gente se sentava e conversava sobre muitas coisas legais [...] que aconteciam na sala e ajudava muito a resolver nossos problemas.

A6-16: O projeto contribuiu muito. Os outros professores começaram a fazer uma aula diferente também. A professora de português fez uma campanha no setembro amarelo e ajudou muito a gente.

De acordo com Valle e Mattos (2011), as dificuldades que a adolescência impõe devem ser valorizadas como prioridade, por se caracterizar como uma fase da vida com dificuldades peculiares, entre essas a de relacionamento. No

entanto, tais dificuldades devem ser vistas como uma forma de manifestação de uma sociedade jovem.

Percebe-se também nos discursos que as ações educativas direcionadas aos adolescentes contribuíram para o fortalecimento de vínculo, empatia e maior sensibilidade ao sofrimento do outro, a saber:

A1-16: O projeto me ajudou a ajudar pessoas. Muitos vinham conversar comigo e eu ajudava de alguma forma [...] O que eu aprendia no projeto, me ajudava e eu os ajudava.

A5-16: Ajudou a ter mais empatia com os meus colegas e entender um pouco a tristeza que sentiam na sala de aula.

A3-17: Nós ajudamos muitos alunos que tinham sofrimento emocional.

Na visão de Pinto (2014), por meio da interação é possível conhecer as pessoas como elas são. Nos relacionamentos se busca dar e receber, ao mesmo tempo, compreender e ser compreendido. A escola, por sua vez, assume um papel de facilitadora dessas relações interpessoais, colaborando para o aprendizado do ser humano, pautado em valores construídos com base na realidade dos alunos.

Olimpio e Marcos (2015) consideram que existem abismos entre o professor e o aluno, os quais, no ato de aprender nos alunos, geram desestímulo, falta de empenho, paralisação e sentimento de impotência. Sendo assim, para que essa relação se restabeleça, esses abismos devem ser diminuídos. Uma das formas para logr-lo seria estabelecer a compreensão de que o ato de educar na atualidade não é o mesmo que foi vivenciado pelo docente, uma vez que a dinâmica sociocultural afeta os processos de ensino-aprendizagem ao longo do tempo. Reconhecer as diferenças e as novas possibilidades é um pontapé na supressão da lacuna geracional entre docente e discente.

Ao serem questionados acerca de possíveis mudanças ou sugestões a serem realizadas no projeto, como forma de melhoria, os entrevistados responderam:

A1-16: Não tenho ideia a sugerir. Eu achava o projeto muito interessante. A forma e o carinho que tinham [...] muitos precisam não é mesmo? [...] O projeto conseguiu o seu objetivo. Gostaria muito que o projeto tivesse continuado.”

A2-16: [...] gostaria que o projeto acontecesse na minha escola atual. Pois, em várias escolas, tem muita gente com ansiedade, depressão e muitos tem dificuldade com isso e não tem coragem de pedir ajuda, passam por isso sozinho.

Eidelwein e Ferraz (2015) caracterizam a adolescência por ser um período da vida em que não se pode separar crescimento pessoal de mudanças sociais. Por esse motivo, é necessário investigar e criar condições para que o adolescente tenha espaço para discutir e vivenciar saúde. Esses conhecimentos são essenciais para planejar ações entre escola e comunidade, criando espaços para discutir o que os jovens pensam sobre saúde e doenças e como podem intervir juntos nesse processo.

3.4 Suporte aos adolescentes no relacionamento familiar

Com relação ao núcleo direcionador suporte aos

adolescentes no relacionamento familiar foram identificadas 15 unidades de contexto e 15 unidades de registro. Nos discursos, os adolescentes entrevistados ressaltaram as contribuições do Projeto Mediação de Conflitos na Escola para o seu crescimento pessoal, bem como sobre o modo que os estimularam a projetarem-se no futuro, conforme as falas a seguir:

A4-16: O projeto contribuiu bastante. Os professores faziam uma aula diferente, falando sobre a vida, sobre adolescência, sobre o nosso futuro [...]

A2-16: [...] com o projeto consegui aprender e levar para a minha vida [...]. Para mudar muitas coisas em mim também.

A3-17: O projeto me ajudou a pensar melhor sobre a vida.

O desenvolvimento de competências que são definidas por um conjunto de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores, com o intuito dos adolescentes resolverem demandas complexas da vida cotidiana são imprescindíveis na adolescência, uma fase repleta de conflitos e incoerências a transpor (Brasil, 2018). Nas falas dos adolescentes, compreende-se que houve significativa contribuição do projeto para a melhor qualidade das aulas, as quais abordaram diversas temáticas, como as que refletiam acerca da vida e dos desafios que enfrentavam na adolescência.

Ademais, segundo Morgado et al. (2014), na relação familiar há grande disputa de forças entre pais e filhos durante a adolescência, pois os filhos questionam e contrariam os moldes e crenças de seus pais, e os pais buscam manter sua posição de autoridade. Barreto e Rabelo (2015) também afirmam que, no âmbito familiar, é importante o comprometimento contínuo dos seus membros no sentido de assumir os devidos papéis, levando-se em conta as diferenças pessoais e a importância de se buscar e compreender as diversas manifestações subjetivas de cada indivíduo nesse âmbito.

Valle e Mattos (2011) ainda ressaltam que os transtornos, os conflitos e outras manifestações que acometem os jovens nessa fase de transição para a vida adulta podem ser manejadas por meio de ações preventivas, pois são manifestações complexas decorrentes de vários fatores, podendo gerar consequências nas mais diversas áreas da vida, como o funcionamento social, familiar, escolar e ocupacional. As ações educativas em saúde desenvolvidas durante o projeto, por sua vez, foram percebidas pelos entrevistados(as) como positivas e úteis, auxiliando-os em suas relações escolares e familiares, com destaque para a relação familiar:

A3-17: Ajudou no nosso convívio escolar, tanto no escolar, quanto em casa.”

A7-16: [...] O projeto me ajudou a lidar com os problemas em casa e ajudou alguns colegas meus também.

Ao serem questionados sobre sugestões de mudanças para o projeto, os adolescentes responderam:

A5-16: Para melhorar acho que poderia chamar os pais para conversar mais vezes na escola. Para eles aprenderem também o que a gente aprendia no projeto.

A2-16: [...] não mudaria nada no projeto. Pois o projeto

ajudava a gente.

As características da família e a natureza de suas relações, ou seja, sua dinâmica, podem funcionar como mecanismo de proteção, diminuindo as chances de problemas emocionais/comportamentais e de saúde. O estabelecimento da família na sociedade estabelece a ordem de projeção de valores, visto que os pais se constituem como primeiros educadores e responsáveis pela formação dos filhos (Freitas et al., 2020; Barreto; Rabelo, 2015). Em paralelo, os entrevistados ressaltaram que o projeto foi de grande valia para a relação entre eles e seus familiares diante dos conflitos enfrentados no ambiente familiar. No entanto, trouxeram como sugestão uma maior participação da família para que esta também tivesse a oportunidade de aprender sobre a adolescência e as demais temáticas apreendidas pelos jovens.

4 Conclusão

A pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de docentes e jovens participantes de um processo educacional e de formação para promover a cultura de paz no ambiente escolar. O escopo foi de, por meio do Projeto Mediação de Conflitos na Escola, colher suas reflexões acerca das ações de um processo educativo e formativo para promoção da saúde na escola.

Tendo em vista os discursos dos entrevistados, concluiu-se que, por meio das ações em saúde desenvolvidas na escola, os adolescentes se sentiram acolhidos e apoiados no ambiente escolar e, com isso, tornaram-se mais respeitosos em suas relações. Entre os docentes houve maior empatia e interesse em ouvir os mais jovens, além de aproximarem os alunos de suas histórias, fortalecendo seus vínculos, sua afetividade e proporcionarem uma maior participação durante as aulas, o que culminou em maior aprendizagem. Em relação à família, essa se tornou mais presente e participativa, e com isso os adolescentes se sentiram mais acolhidos em suas vivências.

Em relação aos efeitos do pertencimento dos adolescentes, na visão dos docentes, foi um grande diferencial, tornando-os mais ativos e participativos não apenas durante as aulas, como também nos demais projetos na escola. Tornaram-se mais tolerantes e solidários diante de situações que lhes exigiam tal postura. Quanto aos docentes, estes ficaram mais maduros e desenvolveram habilidades de empatia e afetividade, tornando-se mais pacientes com os pares e familiares.

Evidenciou-se, nos discursos dos entrevistados, que pensar em ações educativas na escola com adolescentes em contexto de vulnerabilidade social é de grande valia para o desenvolvimento biopsicossocial. Isso contribui para uma maior qualidade em suas relações interpessoais nos ambientes familiar e escolar. A cultura de paz passou a se manifestar por meio de atitudes de respeito ao outro, da empatia, da solidariedade e ajuda mútua, das relações interpessoais mais amistosas, do fortalecimento de vínculos, afetos e valores.

As ações educativas na escola oportunizaram aos

adolescentes refletirem as diversas formas de funcionamento familiar, fortalecendo o vínculo entre a escola e a família, fazendo com que os adolescentes se sentissem acolhidos e menos vulneráveis socialmente. Ao se sentirem amparados pelas ações educativas na escola, os adolescentes terão maior possibilidade de serem protagonistas, mudarem o curso de sua história, tornarem-se cidadãos conscientes e multiplicadores de boas práticas acolhedoras de uma cultura de paz na escola, na família e na sociedade.

Referências

- ARAÚJO, E.D.J.; COSTA, A.J.S.; BLANK, N. Aspectos psicossociais de adolescentes de escolas públicas de Florianópolis/SC. *Rev. Bras. Cresc. Desenvol. Hum.*, v.19, n.2, p.219-225, 2009.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARRETO, M.J.; RABELO, A.A. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. *Pensando Fam.*, v.19, n.2, p.34-42, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MS, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Brasília: MS, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). *Escolas Promotoras de Saúde: experiências no Brasil*. Brasília: MS, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília: MS, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília: MS, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde: PNaPS: revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006 / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância à Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: MS, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Brasília: MS, 2016.
- BRUNIERA, D.S. et al. Pertencimento à escola: Sentidos atribuídos por alunos do ensino fundamental II. *Educ. Anál.*, v.3, n.1, p.133-154, 2018. doi: <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2018v3n1p133>.
- CARDOSO MUNDURUKU, E.L.; COELHO CARDOSO, Y. As diferenças culturais e suas possibilidades na educação. *Extens. Rev.*, n.8, p.41-50, 2021.
- EIDELWEIN, C.A.D.; FERRAZ, L. *Programa Saúde na Escola: o relato de experiência do projeto jovens multiplicadores*. Chapecó: UnoChapecó, 2015.
- FRANCO, M.L.P.B. *Análise de Conteúdo*. Campinas: Autores Associados, 2018.
- FREITAS, P.M. et al. Influência das relações familiares na saúde e no estado emocional dos adolescentes. *Rev. Psicol. Saúde*, v.12, n.4, p.95-109, 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.vi.1065>.
- GOMES, R. *Fatores que geram (des)motivação para professores no exercício profissional*. Ceres: Instituto Federal Goiano, 2020.
- MEIHY, J.C.S.B. *História oral: com o fazer, com o pensar*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MARTINS, A.M.; MACHADO, C.; FURLANETTO, A.C. Mediação de conflitos em escolas: entre normas e percepções docentes. *Cad. Pesq.*, v.46 n.161 p.566-592, 2016. doi: <https://doi.org/10.1590/198053143798>.
- MARTINS, V.P.S. et al. O reflexo do contexto familiar na aprendizagem do aluno. *Rev. Cient. Multidisc. Núcleo Conhec.*, v.4, p.5-20. 2022.
- MORGADO, L.V. et al. Ciclo vital da família: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA. TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO. CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL. 2014.
- OLIMPIO, E.; MARCOS, C.M. A escola e o adolescente hoje: considerações a partir da psicanálise. *Psicol. Rev.*, v.21, n.3, p.498-512, 2015. doi: <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015v21n3p498>.
- PINTO, M.F.R. *As relações interpessoais e aprendizagem*. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2014.
- PRETTE, Z.A.P. et al. Tolerância e respeito às diferenças: efeitos de uma atividade educativa na escola. *Psicol. Teor. Prat.*, v.14, n.1, p.168-182, 2012.
- SILVA, A.M.S.S. Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. *Rev. Bras. Educ. Geog.*, v.8, n.16, p.130-141, 2018.
- SILVA, T.O.; SILVA, L.T.G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Rev. Psicopedag.*, v.34, n.103, p.87-97, 2017.
- SOUSA, A.A.R.; MIGUEL, J.R. Postura do Professor e Atuação Didática para uma Aprendizagem Significativa. *Id on Line Rev. Mult. Psic.* v.14, n.50 p.592-605, 2020. doi: <https://doi.org/10.14295/idonline.v14i50.2467>.
- TABILE, A.F.; JACOMETO, M.C.D. Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. *Rev. Psicopedag.*, v.34, n.103, p.75-86, 2017. >.
- VALLE, L.E.L.R.; MATTOS, M.J.V.M. Adolescência: as contradições da idade. *Rev. Psicopedag.*, v.28, n.87, p.321-323, 2011.